

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE MEDICINA  
CURSO DE NUTRIÇÃO

Mayara Mallmann da Silva

**UM ESTUDO SOBRE ARGUMENTAÇÃO, DOCUMENTÁRIOS E EDUCAÇÃO  
ALIMENTAR E NUTRICIONAL**

Porto Alegre

2019

Mayara Mallmann da Silva

**UM ESTUDO SOBRE ARGUMENTAÇÃO, DOCUMENTÁRIOS E EDUCAÇÃO  
ALIMENTAR E NUTRICIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Nutrição, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Curso de Nutrição.

Orientadora: Dra. Maurem Ramos

Coorientadora: Me. Vanessa Just Blanco

Porto Alegre

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

da Silva, Mayara Mallmann  
Um estudo sobre argumentação, documentários e  
educação alimentar e nutricional / Mayara Mallmann da  
Silva. -- 2019.

51 f.

Orientadora: Maurem Ramos.

Coorientadora: Vanessa Just Blanco.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Medicina, Curso de Nutrição, Porto Alegre, BR-RS,  
2019.

1. Educação Alimentar e Nutricional. 2. Meios de  
Comunicação. 3. Argumentação. 4. Comunicação. 5. Saúde  
Pública. I. Ramos, Maurem, orient. II. Blanco,  
Vanessa Just, coorient. III. Título.

**MAYARA MALLMANN DA SILVA**

**UM ESTUDO SOBRE ARGUMENTAÇÃO, DOCUMENTÁRIOS E EDUCAÇÃO  
ALIMENTAR E NUTRICIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção de grau de Bacharel em Nutrição, à  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
Faculdade de Medicina, Curso de Nutrição.

**Porto Alegre, 8 de julho de 2019.**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de  
Curso de Graduação “Um estudo sobre argumentação, documentários e educação  
alimentar e nutricional”, elaborado por Mayara Mallmann da Silva, como requisito  
parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Nutrição.

Comissão Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Me. Paula Bohrer Ribeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Luciana Dias de Oliveira

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maurem Ramos - Orientadora

---

Me. Vanessa Just Blanco - Coorientadora

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais, Mirtes e Adelar, por todo apoio, dedicação, carinho e compreensão ao longo destes anos de graduação. Vocês sempre serão minha casa. À minha irmã Indjara por todo cuidado, brigas, abraços de conforto, sermões e principalmente pelo apoio nesta reta final. Obrigada à Cristal, a melhor poodle do mundo, por ter sido minha melhor amiga desde a infância e ter me ensinado muito do que sei sobre amor. Agradeço também à Snow por ser o melhor cachorro do mundo: Snow e eu contra o mundo, sempre!

Gostaria de agradecer à minha orientadora, Maurem, e à coorientadora, Vanessa, por terem embarcado comigo neste desafio que foi o tema do meu trabalho. Muito obrigada por todas as horas de dedicação, pelas palavras de conforto nos momentos de desespero, pelos puxões de orelha quando foi preciso e por terem feito este trabalho acontecer.

À todas as professoras do curso de Nutrição e às amigas incríveis que fiz ao longo de toda graduação e que levarei, sem dúvida, para a vida toda. Obrigada pelo tempo que passamos juntas, por toda troca de conhecimento e conversas que tivemos.

Gostaria, por último, de agradecer aos meus amigos e aos meus primos que fizeram destes 5 anos os melhores possíveis! Obrigada por todas os jantares compartilhados, jogos de tabuleiro, festas, litrões de cerveja, combos duplos e risadas. Amo vocês!

## RESUMO

Documentários possuem relevante potencial como estratégia de educação. Contudo, há poucos estudos científicos que analisem sua aplicabilidade na educação alimentar e nutricional (EAN) e critérios de seleção. Por isso, objetiva-se tanto realizar uma análise argumentativa de um documentário como verificar elementos relevantes para seleção desse, assim qualificando a utilização deste tipo de ferramenta audiovisual como estratégia de EAN. Esta é uma pesquisa básica e qualitativa, na qual predomina a análise da estrutura argumentativa do documentário *Em Defesa da Comida*, complementada pela observação dos bastidores dessa argumentação. Encontrou-se que 60% das afirmações analisadas neste artigo apresentam elementos mais complexos além dos considerados básicos para um argumento ser considerado completo. Prepondera no documentário o discurso direto, autorizado, emotivo e persuasivo, o qual se direciona mais ao público leigo e adulto. Conclui-se que documentários selecionados para práticas em EAN devem observar a qualidade do conteúdo e os aspectos argumentativos para alcance da efetividade.

**Palavras-chave:** Educação Alimentar e Nutricional; Meios de Comunicação; Argumentação; Comunicação; Saúde Pública

## ABSTRACT

Documentaries have relevant potential as an education strategy. However, there are few scientific studies that analyze its applicability in food and nutritional education (FNE) and selection criteria. Therefore, it is aimed both to perform an argumentative analysis of a documentary and to verify relevant elements for its selection, thus qualifying the use of this type of audiovisual tool as a FNE strategy. This is a basic and qualitative research, in which the analysis of the argumentative structure of the documentary *In Defense of Food* predominates, complemented by the observation behind the scenes of this argumentation. It was found that 60% of the statements analyzed in this article present more complex elements than those considered basic for an argument to be considered complete. The direct, authoritative, emotive and persuasive discourse prevails in the documentary, which is directed more towards the lay and adult public. It is concluded that documentaries selected for EAN practices should observe content quality and argumentative aspects to achieve effectiveness.

**Keywords:** Food and Nutrition Education; Communications Media; Argumentation; Communication; Public Health

## RESUMEN

Los documentos tienen un potencial relevante como estrategia de educación. Sin embargo, hay pocos estudios científicos que analizan su aplicabilidad en la educación alimentaria y nutricional (EAN) y criterios de selección. Por eso, se pretende tanto realizar un análisis argumentativo de un documental como verificar elementos relevantes para la selección de ese, así calificando la utilización de este tipo de herramienta audiovisual como estrategia de EAN. Esta es una investigación básica y cualitativa, en la que predomina el análisis de la estructura argumentativa del documental *En Defensa de la Comida*, complementada por la observación de los bastidores de esa argumentación. Se encontró que el 60% de las afirmaciones analizadas en este artículo presentan elementos más complejos además de los considerados básicos para que un argumento sea considerado completo. Previamente en el documental el discurso directo, autorizado, emotivo y persuasivo, el cual se dirige más al público laico y adulto. Se concluye que los documentales seleccionados para prácticas en EAN deben observar la calidad del contenido y los aspectos argumentativos para alcanzar la efectividad.

**Palabras clave:** Educación Alimentaria y Nutricional; Medios de Comunicación; Argumentación; Comunicación; Salud Pública



## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| 1 INTRODUÇÃO                                  | 10 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO                         | 14 |
| 2.1 Contexto alimentar e nutricional          | 14 |
| 2.2 Documentários                             | 16 |
| 2.3 Qualidade argumentativa                   | 17 |
| 3 JUSTIFICATIVA                               | 18 |
| 4 OBJETIVO                                    | 18 |
| 5 ARTIGO ORIGINAL                             | 19 |
| 6 NORMAS DA REVISTA DE INTERESSE DE SUBMISSÃO | 43 |
| 7 CONCLUSÃO                                   | 48 |
| 8 REFERÊNCIAS                                 | 49 |

## 1 INTRODUÇÃO

Alimentos ultraprocessados são produzidos, em sua grande maioria, por indústrias de grande porte. A produção destes alimentos envolve diversas etapas e técnicas de processamento. Além disto, possui uma grande lista de ingredientes onde aparecem substâncias extraídas de alimentos, derivadas de constituintes de alimentos ou que sejam sintetizados em laboratórios, como os corantes, aromatizantes, entre outros (BRASIL, 2014; LOUZADA et al., 2015). Ou seja, uma parte muito ínfima do alimento “base” está presente no ultraprocessado - muitas vezes, nem mesmo aparece. Louzada *et al.* (2015) afirma que estes alimentos são, na verdade, “formulações industriais prontas para o consumo [...]” (p. 2).

A última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2008-2009, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), avaliou o consumo alimentar de mais de 30.000 brasileiros com 10 anos de idade ou mais. A pesquisa mostrou que 21,5% das calorias provenientes da dieta são provenientes de alimentos ultraprocessados. Os alimentos mais consumidos são os bolos, tortas e biscoitos doces; lanches tipo *fast food*; refrigerantes e refrescos; pães de forma, de hambúrguer e de *hot dog*; guloseimas; além de bolachas salgadas e salgadinhos tipo *chips*; embutidos; pratos prontos ou semiprontos e bebidas lácteas adoçadas (LOUZADA et al., 2015).

Monteiro, Mondini e Costa (2000) mostraram, já em 1996, que o consumo de açúcar excedeu o limite máximo de consumo estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), enquanto que o consumo mínimo de legumes, verduras e frutas não foi atingido nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Sul. Louzada *et al.* (2015) reforça os achados desses pesquisadores ao trazer os resultados da POF 2008-2009 que mostram que os brasileiros excedem as recomendações de consumo de densidade energética, proteína, açúcar livre, gordura *trans* e sódio, ao mesmo tempo que ingerem quantidades insuficientes de fibras e potássio.

Os alimentos ultraprocessados conferem 2,5 vezes mais energia por grama, 2 vezes mais açúcar livre, 1,5 vezes mais gorduras (totais e saturadas) e 8 vezes mais gorduras *trans*, além de apresentar 3 vezes menos fibras, 2 vezes menos proteínas e 2,5 vezes menos potássio quando comparados aos alimentos *in natura* ou minimamente processados. (LOUZADA et al., 2015).

Além de tudo isto, os alimentos ultraprocessados afetam de maneira negativa o meio ambiente (produção, distribuição, comercialização, consumo, descarte), a cultura, por substituírem preparações tradicionais, e a vida social, por tornarem desnecessária a preparação dos alimentos, assim como o compartilhamento desses à mesa (BRASIL, 2014).

A OMS estabeleceu limites populacionais máximos para o consumo de sódio, açúcar, gorduras totais e saturadas, colesterol, além de indicar o menor consumo possível de gorduras *trans*, após o aumento das evidências científicas que comprovam a associação negativa do excesso de consumo de alimentos com esses componentes com a manutenção de um estado saudável (MONTEIRO; MONDINI; COSTA, 2000). Esses valores estabelecidos pela OMS vêm sofrendo modificações em seus limites máximos conforme novas evidências vão surgindo.

Em meio a este contexto, surge a necessidade de colocarmos em pauta temas voltados para a alimentação e nutrição, buscando traçar estratégias de educação alimentar e nutricional capazes de causar mudanças relevantes nos hábitos de saúde. No entanto, atualmente, o discurso utilizado para a promoção da alimentação saudável está pautado, principalmente, em definir regras nutricionais, desconsiderando a subjetividade, as histórias de vida, os laços afetivos, relações familiares, dimensões culturais, desejos e prazeres individuais, contexto político e econômico que envolvem a alimentação. Tal discurso reduz o indivíduo a um ser que ingere calorias e nutrientes, esquecendo o valor simbólico da comida de pertencimento familiar, cultural, social e existencial (KRAEMER et al., 2014)

As grandes indústrias de alimentos se apropriam do discurso nutricional e científico sobre a percepção do alimento como um remédio, levando para as prateleiras dos supermercados alimentos enriquecidos, *diet*, *light*, entre outros (KRAEMER et al., 2014). Nestlé (2013) considera que o tema alimentação saudável é eminentemente político e insinua-se a partir da pressão da indústria de alimentos e de sua publicidade em consolidar um conceito de alimentação saudável através de seus produtos.

Por nem sempre considerar a dimensão integral do sujeito, a abordagem educativa convencional para educação alimentar e nutricional, que se fundamenta exclusivamente na transmissão de informações, é insuficiente para motivar mudanças significativas das práticas de saúde (STOTZ, 1993; SCHALL; STRUCHINER, 1995). Desta forma, se faz necessário o desenvolvimento de

abordagens educativas que permitam abraçar os problemas alimentares em sua complexidade, tanto na dimensão biológica como na social e cultural (BOOG *et al.*, 2003).

Dentre as possíveis abordagens educativas, destaca-se o uso do vídeo por viabilizar o acesso a diferentes níveis como cognitivo, afetivo e da ação e aos códigos de comunicação de modo geral. O vídeo permite transportar o sujeito para espaços pontuais de análise de fatos do cotidiano, permitindo o emprego da linguagem artística, corporal e verbal e ainda possibilitando ampliar cenários e valer-se da linha temporal (BOOG *et al.*, 2003). Desta forma, o uso de documentários que trazem o tema alimentação e nutrição pode ser pensado como estratégia de educação alimentar e nutricional.

Um estudo realizado com alunos de duas escolas públicas estaduais de Niterói - RJ, realizou atividades de intervenção no âmbito de educação alimentar e nutricional. Dentre as atividades propostas aos alunos, destacou-se a exibição de um filme-documentário sobre o consumo de *fast food* e o prejuízo à saúde. Essa atividade foi considerada a favorita pela maioria dos alunos (17,6%), seguida da oficina dietética (14,1%) e de modificações nas aulas de educação física (12,7%). Além disso, observou-se ao término do estudo, a redução da frequência semanal e mensal de consumo de lanches e da substituição de almoço e jantar por lanche, fato este que não foi observado no grupo controle (VARGAS *et al.*, 2011).

No entanto, para que um documentário alcance seu objetivo de levar a reflexão sobre alimentação saudável é preciso que o mesmo efetue adequadamente a argumentação. A qualidade argumentativa de uma enunciação é resultante da capacidade do orador de fazer uso de técnicas argumentativas, para expor de forma clara seu raciocínio, organizar o discurso e empregar palavras dotadas de expressividade para ativar a sensibilidade do interlocutor, e de construir uma imagem legítima que passe credibilidade para o auditório (DITTRICH, 2008). Além disso, é necessário considerar o público-alvo do documentário - faixa etária, gênero, contexto social, entre outros - e a coerência e a coesão dos argumentos.

Os documentários possuem relevante potencial como estratégia de educação alimentar e nutricional. No entanto, ainda não temos registros suficientes na literatura científica quanto a linguagem utilizada em documentários com o tema alimentação e nutrição, além de desconhecermos sua qualidade argumentativa. Sendo assim, busca-se com esta pesquisa apresentar brevemente a análise

argumentativa de um documentário com o tema alimentação e nutrição, abrindo assim espaço para que outras pesquisas surjam com o intento de explorar mais o campo da linguagem em alimentação e nutrição.

O seguinte trabalho tem como objetivo realizar uma análise da qualidade argumentativa de um documentário - *Em Defesa da Comida* (EM DEFESA, 2015) - a fim de discutir sobre o uso deste tipo de material audiovisual para práticas de educação alimentar e nutricional, bem como indicar pontos-chave a serem considerados no momento da seleção desse.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Contexto alimentar e nutricional

No Brasil, as doenças crônicas não transmissíveis representavam o maior problema de saúde, sendo responsáveis por 72% das mortes (MALTA et al., 2014). Além disso, é expressivo o aumento do sobrepeso e da obesidade em todas faixas etárias, acometendo 1 em cada 2 adultos e 1 em cada 3 crianças (BRASIL, 2014).

Segundo o *Global Status Report on noncommunicable diseases* (OMS, 2014), das 38 milhões de mortes que ocorreram por doenças crônicas não transmissíveis no ano de 2012, 16 milhões (42%) eram evitáveis. Neste mesmo relatório, a OMS anunciou que os países deveriam definir metas nacionais e implementar medidas eficazes para prevenção de DCNT, tendo em vista que estes números poderiam ser reduzidos significativamente mediante políticas governamentais para restringir o consumo de tabaco, dietas pouco saudáveis, consumo excessivo de álcool e sedentarismo.

As características qualitativas de uma dieta são tão importantes quanto o consumo excessivo de alimentos na definição do estado de saúde - principalmente em desfechos relacionados à DCNT (MONTEIRO; MONDINI; COSTA, 2000). Sendo assim, deve-se prestar atenção não apenas no quanto se come, mas no quê se come. Alimentos ultraprocessados, por exemplo, conferem 2,5 vezes mais energia por grama, 2 vezes mais açúcar livre, 1,5 vezes mais gorduras (totais e saturadas) e 8 vezes mais gorduras *trans*, além de apresentar 3 vezes menos fibras, 2 vezes menos proteínas e 2,5 vezes menos potássio quando comparados aos alimentos *in natura* ou minimamente processados. (LOUZADA et al., 2015).

Existe uma tendência mundial de aumento do consumo de alimentos ultraprocessados, havendo maior intensidade em países de renda média como o Brasil (LOUZADA et al., 2015). A última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2008-2009, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), avaliou o consumo alimentar de mais de 30.000 brasileiros com 10 anos de idade ou mais. A pesquisa mostrou que 21,5% das calorias provenientes da dieta são provenientes de alimentos ultraprocessados. Os alimentos mais consumidos são bolos, tortas e biscoitos doces; lanches tipo *fast food*; refrigerantes e refrescos; pães de forma, de hambúrguer e de *hot dog*; guloseimas; além de bolachas salgadas e

salgadinhos tipo *chips*; embutidos; pratos prontos ou semiprontos e bebidas lácteas adoçadas (LOUZADA *et al.*, 2015).

A produção de alimentos ultraprocessados envolve diversas etapas e técnicas de processamento e, estes, apresentam uma grande lista de ingredientes onde aparecem substâncias extraídas de alimentos, derivadas de constituintes de alimentos ou que sejam sintetizados em laboratórios, como os corantes, aromatizantes etc (BRASIL, 2014; LOUZADA *et al.*, 2015). Ou seja, uma parte muito ínfima do alimento “base” está presente no ultraprocessado - muitas vezes, nem mesmo aparece. Louzada *et al.* (2015) afirma que estes alimentos são, na verdade, “formulações industriais prontas para o consumo [...]” (p. 2).

Além de tudo isto, os alimentos ultraprocessados afetam de maneira negativa o meio ambiente (produção, distribuição, comercialização, consumo, descarte), a cultura, por substituírem preparações tradicionais, e a vida social, por tornarem desnecessária a preparação dos alimentos, assim como o compartilhamento desses à mesa (BRASIL, 2014).

Monteiro, Mondini e Costa (2000) mostraram, já em 1996, que o consumo de açúcar excedeu o limite máximo de consumo estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), enquanto que o consumo mínimo de legumes, verduras e frutas não foi atingido nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Sul. Louzada *et al.* (2015) reforça os achados desses pesquisadores ao trazer os resultados da POF 2008-2009 que mostram que os brasileiros excedem as recomendações de consumo de densidade energética, proteína, açúcar livre, gordura *trans* e sódio, ao mesmo tempo que ingerem quantidades insuficientes de fibras e potássio.

A OMS estabeleceu limites populacionais máximos para o consumo de sódio, açúcar, gorduras totais e saturadas, colesterol, além de indicar o menor consumo possível de gorduras *trans*, após o aumento das evidências científicas que comprovam a associação negativa do excesso de consumo de alimentos com esses componentes com a manutenção de um estado saudável (MONTEIRO; MONDINI; COSTA, 2000). Esses valores estabelecidos pela OMS vêm sofrendo modificações em seus limites máximos conforme novas evidências vão surgindo.

## 2.2 Documentários

Um estudo realizado com alunos de duas escolas públicas estaduais de Niterói - RJ, realizou atividades de intervenção no âmbito de educação alimentar e nutricional. Dentre as atividades propostas aos alunos, destacou-se a exibição de um filme-documentário sobre o consumo de *fast food* e o prejuízo à saúde. Essa atividade foi considerada a favorita pela maioria dos alunos (17,6%), seguida da oficina dietética (14,1%) e de modificações nas aulas de educação física (12,7%). Além disso, observou-se ao término do estudo, a redução da frequência semanal e mensal de consumo de lanches e da substituição de almoço e jantar por lanche, fato este que não foi observado no grupo controle (VARGAS *et al.*, 2011).

Sendo assim, dentre as possíveis abordagens em EAN, destaca-se o uso do vídeo por viabilizar o acesso a diferentes níveis como cognitivo, afetivo e da ação e aos códigos de comunicação de modo geral. O vídeo permite transportar o sujeito para espaços pontuais de análise de fatos do cotidiano, permitindo o emprego da linguagem artística, corporal e verbal e ainda possibilitando ampliar cenários e valer-se da linha temporal (BOOG *et al.*, 2003). Filmes são capazes de provocar forte interesse por meio do dinamismo da imagem em movimento e pelo seu aspecto cultural (VIEIRA; ROSSO, 2011),

Lucena (2012) define um documentário como uma produção audiovisual que registra fatos, personagens e situações que tenham como cenário o mundo real ou histórico e como protagonistas os próprios sujeitos da ação. Para que um documentário alcance seu objetivo de levar a reflexão sobre alimentação saudável é preciso que o mesmo efetue adequadamente a argumentação.

Na análise de documentários, é preciso se ater àquilo que é dito, à voz do documentário, como refere Nichols (2005). A voz do documentário pode objetivar a simples transmissão de um ponto de vista, apresentar argumentos ou defender uma causa específica. Desta forma, “um documentário procura nos persuadir ou convencer, pela força do seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz” (NICHOLS, 2005 - p. 73).



### 2.3 Qualidade argumentativa

Argumentar é a busca por convencer - “vencer junto com o outro (com + vencer)” (ABREU, 2008 pg. 12) - ou persuadir através de técnicas argumentativas visando remover os obstáculos que nos impedem de chegar a um consenso sobre dado assunto (ABREU, 2008). Sendo assim, para que uma mensagem seja compreendida e aceita como uma verdade, promovendo então uma ação, é necessário argumentar de forma eficiente, ou seja, apresentar argumentos bem construídos, pouco contestáveis, ao enunciatório, observando-se a estrutura desses, como nos indica Toulmin (2003): afirmação (conclusão), dado, garantia, apoio, qualificadores modais e refutações.

A credibilidade de um argumento depende das informações que o compõem. Quanto mais complexo for o argumento apresentado, menores as chances de que haja contra-argumentação ou espaço para dúvidas. Ao se fazer uma simples afirmação, pode-se ser desafiado a demonstrar como se chegou àquela conclusão, para tanto, será imprescindível trazer dados, fatos concretos, quando da resposta ao enunciatório (TOULMIN, 2003).

No entanto, caso esse ainda não se sinta convencido, poderá questionar o que certifica que o dado apresentado permite a afirmação subsequente, exigindo assim que uma garantia seja concedida. Ainda não convencido, o enunciatório poderá indagar o enunciador sobre o que assegura que a garantia fornecida é suficiente. Neste momento, sai-se das hipóteses lógicas apenas e passa-se a conferir respostas categóricas e objetivas, as quais versam sobre estatutos, provisões legais, fatos científicos, entre outros (TOULMIN, 2003).

### **3 JUSTIFICATIVA**

Os documentários possuem relevante potencial como estratégia de educação alimentar e nutricional. No entanto, ainda não temos registros suficientes na literatura científica quanto à linguagem utilizada em documentários com o tema alimentação e nutrição, além de desconhecermos sua qualidade argumentativa. Sendo assim, busca-se com esta pesquisa apresentar brevemente a análise argumentativa de um documentário com o tema alimentação e nutrição, abrindo assim espaço para que outras pesquisas surjam com o intento de explorar mais a qualidade argumentativa de ferramentas de educação alimentar e nutricional como o documentário.

### **4 OBJETIVO**

Realizar uma análise da qualidade argumentativa de um documentário - *Em Defesa da Comida* (EM DEFESA, 2015) - a fim de discutir sobre o uso deste tipo de material audiovisual para práticas de educação alimentar e nutricional, bem como indicar pontos-chave a serem considerados no momento da seleção desse.

## 5 ARTIGO ORIGINAL

**Um estudo sobre argumentação, documentários e educação alimentar e nutricional**

**A study about argumentation, documentaries and food and nutrition education**

**Un estudio sobre argumentación, documentales y educación alimentaria y nutricional**

*Mayara Mallmann da Silva*<sup>1,a</sup>  
[mallmannmayara@gmail.com](mailto:mallmannmayara@gmail.com)

*Maurem Ramos*<sup>1,b</sup>  
[maurem.profnut@gmail.com](mailto:maurem.profnut@gmail.com)

*Vanessa Just Blanco*<sup>2,c</sup>  
[vanessa.jblanco@gmail.com](mailto:vanessa.jblanco@gmail.com) | <http://orcid.org/0000-0001-6093-9093>

<sup>1</sup>Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil.

<sup>2</sup>Sem vínculo institucional.

<sup>a</sup>Graduanda em Nutrição pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>b</sup>Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>c</sup>Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

### Resumo

Documentários possuem relevante potencial como estratégia de educação. Contudo, há poucos estudos científicos que analisem sua aplicabilidade na educação alimentar e nutricional (EAN) e critérios de seleção. Por isso, objetiva-se tanto realizar uma análise argumentativa de um documentário como verificar elementos relevantes para seleção desse, assim qualificando a utilização deste tipo de ferramenta audiovisual como estratégia de EAN. Esta é uma pesquisa básica e qualitativa, na qual predomina a análise da estrutura argumentativa do documentário *Em Defesa da Comida*, complementada pela observação dos bastidores dessa argumentação. Encontrou-se que 60% das afirmações analisadas neste artigo apresentam elementos mais complexos além dos considerados básicos para um argumento ser considerado completo. Prepondera no documentário o discurso direto, autorizado, emotivo e persuasivo, o qual se direciona mais ao público leigo e adulto. Conclui-se que documentários selecionados para práticas em EAN devem observar a qualidade do conteúdo e os aspectos argumentativos para alcance da efetividade.

**Palavras-chave:** Educação Alimentar e Nutricional; Meios de Comunicação; Argumentação; Comunicação Saúde Pública

### **Abstract**

Documentaries have relevant potential as an education strategy. However, there are few scientific studies that analyze its applicability in food and nutritional education (FNE) and selection criteria. Therefore, it is aimed both to perform an argumentative analysis of a documentary and to verify relevant elements for its selection, thus qualifying the use of this type of audiovisual tool as a FNE strategy. This is a basic and qualitative research, in which the analysis of the argumentative structure of the documentary *In Defense of Food* predominates, complemented by the observation behind the scenes of this argumentation. It was found that 60% of the statements analyzed in this article present more complex elements than those considered basic for an argument to be considered complete. The direct, authoritative, emotive and persuasive discourse prevails in the documentary, which is directed more towards the lay and adult public. It is concluded that documentaries selected for EAN practices should observe content quality and argumentative aspects to achieve effectiveness.

**Keywords:** Food and Nutrition Education; Communications Media; Argumentation; Communication; Public Health

### **Resumen**

Los documentos tienen un potencial relevante como estrategia de educación. Sin embargo, hay pocos estudios científicos que analizan su aplicabilidad en la educación alimentaria y nutricional (EAN) y criterios de selección. Por eso, se pretende tanto realizar un análisis argumentativo de un documental como verificar elementos relevantes para la selección de ese, así calificando la utilización de este tipo de herramienta audiovisual como estrategia de EAN. Esta es una investigación básica y cualitativa, en la que predomina el análisis de la estructura argumentativa del documental *En Defensa de la Comida*, complementada por la observación de los bastidores de esa argumentación. Se encontró que el 60% de las afirmaciones analizadas en este artículo presentan elementos más complejos además de los considerados básicos para que un argumento sea considerado completo. Previamente en el documental el discurso directo, autorizado, emotivo y persuasivo, el cual se dirige más al público laico y adulto. Se concluye que los documentales seleccionados para prácticas en EAN deben observar la calidad del contenido y los aspectos argumentativos para alcanzar la efectividad.

**Palabras clave:** Educación Alimentaria y Nutricional; Medios de Comunicación; Argumentación; Comunicación Salud Pública

## Introdução

Alimentos ultraprocessados são produzidos, em sua grande maioria, por indústrias de grande porte. A produção destes alimentos envolve diversas etapas e técnicas de processamento. Além disto, possui uma grande lista de ingredientes onde aparecem substâncias extraídas de alimentos, derivadas de constituintes de alimentos ou que sejam sintetizados em laboratórios, como os corantes, aromatizantes, entre outros.<sup>1,2</sup> Ou seja, uma parte muito ínfima do alimento “base” está presente no ultraprocessado - muitas vezes, nem mesmo aparece. Louzada *et al.*<sup>2</sup> afirma que estes alimentos são, na verdade, “formulações industriais prontas para o consumo [...]”<sup>2</sup> (p. 2).

A última Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) 2008-2009, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), avaliou o consumo alimentar de mais de 30.000 brasileiros com 10 anos de idade ou mais. A pesquisa mostrou que 21,5% das calorias provenientes da dieta são provenientes de alimentos ultraprocessados. Os alimentos mais consumidos são os bolos, tortas e biscoitos doces; lanches tipo *fast food*; refrigerantes e refrescos; pães de forma, de hambúrguer e de *hot dog*; guloseimas; além de bolachas salgadas e salgadinhos tipo *chips*; embutidos; pratos prontos ou semiprontos e bebidas lácteas adoçadas.<sup>2</sup>

Monteiro, Mondini e Costa<sup>3</sup> mostraram, já em 1996, que o consumo de açúcar excedeu o limite máximo de consumo estabelecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), enquanto que o consumo mínimo de legumes, verduras e frutas não foi atingido nas Regiões Norte, Nordeste e Centro-Sul. Louzada *et al.*<sup>2</sup> reforça os achados desses pesquisadores ao trazer os resultados da POF 2008-2009 que mostram que os brasileiros excedem as recomendações de consumo de densidade energética, proteína, açúcar livre, gordura *trans* e sódio, ao mesmo tempo que ingerem quantidades insuficientes de fibras e potássio.

Os alimentos ultraprocessados conferem 2,5 vezes mais energia por grama, 2 vezes mais açúcar livre, 1,5 vezes mais gorduras (totais e saturadas) e 8 vezes mais gorduras *trans*, além de apresentar 3 vezes menos fibras, 2 vezes menos proteínas e 2,5 vezes menos potássio quando comparados aos alimentos *in natura* ou minimamente processados.<sup>2</sup>

Além de tudo isto, os alimentos ultraprocessados afetam de maneira negativa o meio ambiente (produção, distribuição, comercialização, consumo, descarte), a cultura, por

substituírem preparações tradicionais, e a vida social, por tornarem desnecessária a preparação dos alimentos, assim como o compartilhamento desses à mesa.<sup>1</sup>

A OMS estabeleceu limites populacionais máximos para o consumo de sódio, açúcar, gorduras totais e saturadas, colesterol, além de indicar o menor consumo possível de gorduras *trans*, após o aumento das evidências científicas que comprovam a associação negativa do excesso de consumo de alimentos com esses componentes com a manutenção de um estado saudável.<sup>3</sup> Esses valores estabelecidos pela OMS vêm sofrendo modificações em seus limites máximos conforme novas evidências vão surgindo.

Em meio a este contexto, surge a necessidade de colocarmos em pauta temas voltados para a alimentação e nutrição, buscando traçar estratégias de educação alimentar e nutricional capazes de causar mudanças relevantes nos hábitos de saúde. No entanto, atualmente, o discurso utilizado para a promoção da alimentação saudável está pautado, principalmente, em definir regras nutricionais, desconsiderando a subjetividade, as histórias de vida, os laços afetivos, relações familiares, dimensões culturais, desejos e prazeres individuais, contexto político e econômico que envolvem a alimentação. Tal discurso reduz o indivíduo a um ser que ingere calorias e nutrientes, esquecendo o valor simbólico da comida de pertencimento familiar, cultural, social e existencial.<sup>4</sup>

As grandes indústrias de alimentos se apropriam do discurso nutricional e científico sobre a percepção do alimento como um remédio, levando para as prateleiras dos supermercados alimentos enriquecidos, *diet*, *light*, entre outros.<sup>4</sup> Nestlé<sup>5</sup> considera que o tema alimentação saudável é eminentemente político e insinua-se a partir da pressão da indústria de alimentos e de sua publicidade em consolidar um conceito de alimentação saudável através de seus produtos.

Por nem sempre considerar a dimensão integral do sujeito, a abordagem educativa convencional para educação alimentar e nutricional, que se fundamenta exclusivamente na transmissão de informações, é insuficiente para motivar mudanças significativas das práticas de saúde.<sup>6,7</sup> Desta forma, se faz necessário o desenvolvimento de abordagens educativas que permitam abraçar os problemas alimentares em sua complexidade, tanto na dimensão biológica como na social e cultural.<sup>8</sup>

Dentre as possíveis abordagens educativas, destaca-se o uso do vídeo por viabilizar o acesso a diferentes níveis como cognitivo, afetivo e da ação e aos códigos de comunicação de modo geral. O vídeo permite transportar o sujeito para espaços pontuais de análise de fatos do cotidiano, permitindo o emprego da linguagem artística, corporal e verbal e ainda possibilitando ampliar cenários e valer-se da linha temporal.<sup>8</sup> Desta forma, o uso de documentários que trazem o tema alimentação e nutrição pode ser pensado como estratégia de educação alimentar e nutricional.

Um estudo realizado com alunos de duas escolas públicas estaduais de Niterói - RJ, realizou atividades de intervenção no âmbito de educação alimentar e nutricional. Dentre as atividades propostas aos alunos, destacou-se a exibição de um filme-documentário sobre o consumo de *fast food* e o prejuízo à saúde. Essa atividade foi considerada a favorita pela maioria dos alunos (17,6%), seguida da oficina dietética (14,1%) e de modificações nas aulas de educação física (12,7%). Além disso, observou-se ao término do estudo, a redução da frequência semanal e mensal de consumo de lanches e da substituição de almoço e jantar por lanche, fato este que não foi observado no grupo controle.<sup>9</sup>

No entanto, para que um documentário alcance seu objetivo de levar a reflexão sobre alimentação saudável é preciso que o mesmo efetue adequadamente a argumentação. A qualidade argumentativa de uma enunciação é resultante da capacidade do orador de fazer uso de técnicas argumentativas, para expor de forma clara seu raciocínio, organizar o discurso e empregar palavras dotadas de expressividade para ativar a sensibilidade do interlocutor, e de construir uma imagem legítima que passe credibilidade para o auditório.<sup>10</sup> Além disso, é necessário considerar o público-alvo do documentário - faixa etária, gênero, contexto social, entre outros - e a coerência e a coesão dos argumentos.

Os documentários possuem relevante potencial como estratégia de educação alimentar e nutricional. No entanto, ainda não temos registros suficientes na literatura científica quanto à linguagem utilizada em documentários com o tema alimentação e nutrição, além de desconhecermos sua qualidade argumentativa. Sendo assim, busca-se com esta pesquisa apresentar brevemente a análise argumentativa de um documentário com o tema alimentação e nutrição, abrindo assim espaço para que outras pesquisas surjam com o intento de explorar mais o campo da linguagem em alimentação e nutrição.

O seguinte trabalho tem como objetivo realizar uma análise da qualidade argumentativa de um documentário - *Em Defesa da Comida*<sup>11</sup> - a fim de discutir sobre o uso deste tipo de material audiovisual para práticas de educação alimentar e nutricional, bem como indicar pontos-chave a serem considerados no momento da seleção desse.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa básica efetuada predominantemente mediante análise argumentativa do documentário *Em Defesa da Comida*<sup>11</sup>. A abordagem empregada pela pesquisadora é qualitativa, não tendo sido apresentados dados quantitativos nesta pesquisa. Visa-se a exploração da estrutura organizacional dos argumentos de forma que os mesmos possam ser entendidos como complexos ou não em termos de constituição dentro

do contexto do documentário e, posteriormente, comparando-os em relação à validade no âmbito científico no Brasil, em que pese o disposto no Guia Alimentar para População Brasileira<sup>1</sup>.

Optou-se pelo documentário *Em Defesa da Comida*<sup>11</sup> por tratar, dentre muitos assuntos, da questão da alimentação não saudável, do consumo de alimentos ultraprocessados e de seu impacto na saúde em todas as faixas etárias. Esta temática vem sendo debatida também no Guia Alimentar para População Brasileira<sup>1</sup>. Além disso, o documentário coloca em pauta a discussão do que realmente significa se alimentar de forma saudável, tendo em vista o valor cultural e social que envolve a alimentação. Essa temática se mostra interessante para uma prática de EAN, por isso, a análise da qualidade desse documentário seria oportuna e viabilizaria discussões posteriores sobre o que devemos observar quando da seleção de materiais audiovisuais para atividades educacionais.

Em um primeiro momento, assistiu-se ao documentário repetidas vezes, buscando captar os principais argumentos por ele apresentados, ou melhor, as orações enunciadas que carregavam ideias conclusivas sobre o tema de alimentação e nutrição e demais elementos que as suportam. Em seguida, foram transcritas as falas do documentário com a minutagem correspondente, visando assim facilitar a posterior análise dos argumentos e a localização das assertivas pelo leitor deste estudo caso haja interesse.

As enunciações foram então listadas e numeradas em um arquivo, sendo então selecionados através de um *site*, cujo algoritmo seleciona números de forma aleatória, denominado Sorteador<sup>12</sup>. O resultado do sorteio permitiu a separação de 5 (cinco) afirmações a serem analisadas e discutidas neste artigo, conforme indicado no Quadro 1. O quantitativo de frases estabelecido se deve a demanda de tempo para verificação aprofundada de cada enunciado.

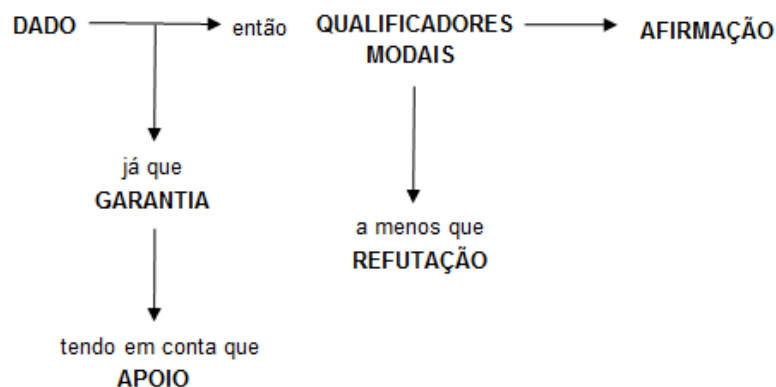
**Quadro 1.** Afirmações selecionadas para análise

| <b>Ordem sorteada</b> | <b>Afirmação</b>   |
|-----------------------|--|
| 1º                    | “Comer comida de verdade nem sempre é fácil [...]”   |
| 2º                    | “A comida que estamos comendo hoje é muito diferente do que costumava ser e esta mudança tem prejudicado muito nossa saúde.” |
| 3º                    | “Talvez a maior ameaça à saúde seja inundar o corpo com um ingrediente tentador (açúcar).”                                   |
| 4º                    | “[...] nós achamos que somos nós quem escolhemos tudo o que comemos. Mas não é verdade.”                                     |
| 5º                    | “A combinação de alimentos é o fator mais decisivo para a saúde.”  |

**Fonte:** elaborado pelos autores.



A análise da estrutura argumentativa das enunciações do documentário foi feita através do esquema de argumentação de Toulmin<sup>13</sup>, apresentado na figura 1. Esse esquema tem como escopo uma análise estrutural, pois faz a distinção entre os diferentes componentes que constituem um argumento. Para Toulmin<sup>13</sup>, os elementos fundamentais de um argumento são: dado, garantia e afirmação. Desta forma, é possível que um argumento apresente apenas estes elementos em sua estrutura.<sup>13</sup>



**Figura 1.** Estrutura dos argumentos de Stephen Toulmin  
**Fonte:** traduzido de Toulmin (2003, p. 97)

Segundo Toulmin<sup>13</sup>, uma afirmação é uma conclusão a qual chegamos sobre um determinado assunto, por exemplo: Carlos é motorista. Para esclarecer o que originou esta afirmação, podemos apresentar um dado, que nada mais é do que um fato: Carlos tem um carro para se deslocar ao trabalho e tem uma carteira de motorista. Para que não existam dúvidas, podemos apresentar uma garantia, ou seja, uma hipótese lógica capaz de certificar que há coerência entre o dado e a afirmação, sendo assim: Aquele que possui uma carteira de habilitação válida está autorizado a dirigir em todo território nacional.

Um argumento pode se tornar mais complexo se forem utilizados “qualificadores modais e condições excepcionais ou refutações”<sup>13</sup> (p. 93). Para que um argumento tenha maior embasamento, pode-se especificar em que condições a garantia apresentada é aplicável ou não. Isso ocorre quando se acrescenta ao argumento alguns qualificadores modais - como presumivelmente, provavelmente, entre outros. No exemplo de Carlos, teríamos “teoricamente, Carlos é motorista”.

Há circunstâncias, no entanto, em que “a autoridade generalista de uma garantia precisa ser deixada de lado”<sup>13</sup> (p. 94), ao que Toulmin denomina de refutação da garantia. A refutação é a condição na qual a garantia não seria capaz de defender a afirmação a que se chegou, utilizando o exemplo de Carlos, poderíamos ter a refutação “a não ser que não tenha renovado sua carteira de habilitação dentro do prazo estipulado”. Assim, se Carlos não tiver

renovado sua carteira, não poderemos afirmar que esse é motorista, pois não estaria autorizado a dirigir e a garantia não seria sustentável nesta situação.

Além disso, a garantia pode ser apoiada por alguma autoridade, uma lei jurídica ou científica. Este apoio é constituído de declarações categóricas, é objetivo e mais concreto do que a informação única da garantia. Ele serve como um suporte, um fortalecedor, um legitimador da garantia dada, como em “§ 1º É obrigatório o porte da Permissão para Dirigir ou da Carteira Nacional de Habilitação quando o condutor estiver à direção do veículo (Art. 159, da Lei 9.503/1997)”, aplicável ao exemplo de Carlos. Vê-se então que quanto mais informações se traz para o argumento com a intenção de autorizá-lo e defendê-lo, mais complexo esse se faz e mais difícil de ser rebatido esse se torna.

Motivados, ainda, pela leitura sobre técnicas argumentativas de Dittrich<sup>10</sup>, a qual destaca três qualidades argumentativas - a saber emotiva, técnica e representacional -, além da análise puramente estrutural do argumento, serão verificadas cinco informações pertinentes à discussão do tema argumentação, as quais denominamos de “bastidores da argumentação”: público-alvo; intenção do enunciador principal - Michael Pollan - com o documentário; tipo de linguagem empregada; autoridades presentes no discurso; e contexto de produção do documentário. A partir desses dados, será possível discutir sobre a qualidade da argumentação neste documentário para além da observação pontual da estrutura dos argumentos.

Para apresentação dos resultados, dispor-se-á as enunciações relativas às afirmações (Quadro 1) no mesmo formato esquemático da figura 1, na sequência, comentando sobre a estrutura dos argumentos. Em seguida, se abordará sobre os bastidores da argumentação verificados neste documentário. Nas discussões, comentar-se-á quanto à qualidade argumentativa deste material audiovisual, a fim de ilustrarmos como fazer uma seleção adequada aos propósitos educacionais - conscientização para uma alimentação saudável -, bem como sobre a possibilidade de utilização deste tipo de ferramenta como estratégia de educação alimentar e nutricional.

## **Resultados**

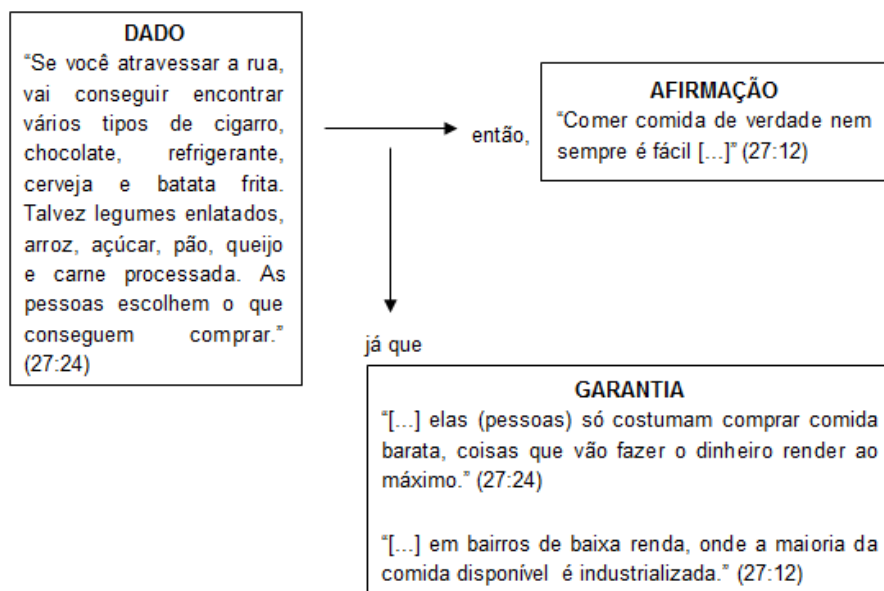
Inicia-se por apresentar os resultados de maneira esquemática, consoante apontado na metodologia (Figura 1). Na sequência, mostrar-se-á informações ponderadas para argumentação que se verifica no documentário. Os resultados foram divididos em análise estrutural e dos bastidores da argumentação.

### *Análise estrutural dos argumentos*

Nas figuras 2, 3, 4, 5 e 6, exibe-se os elementos que foram identificados ao longo do documentário, os quais compõem a estrutura argumentativa das afirmações 1, 2, 3, 4 e 5 respectivamente (Quadro 1).

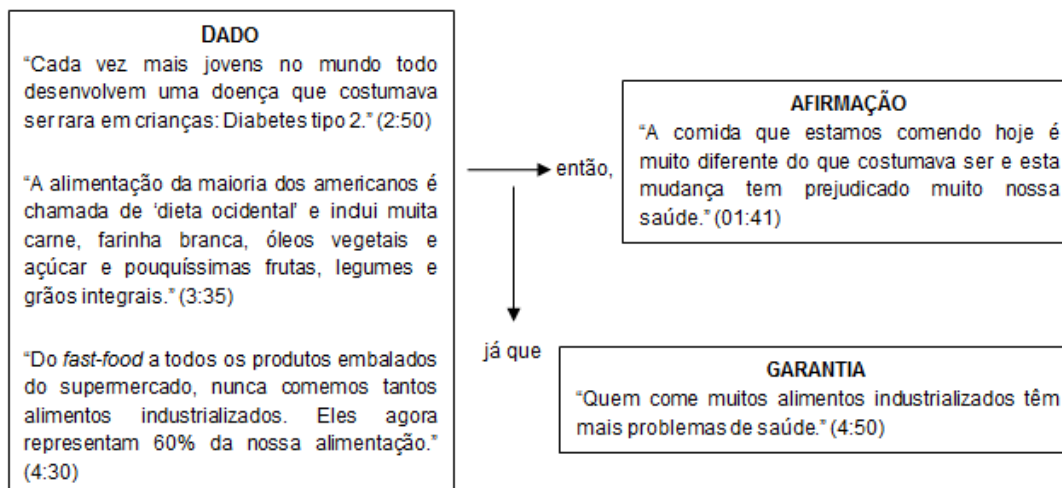
Na primeira afirmação (A1), há a apresentação de um dado e de garantias, os quais são elementos básicos para um argumento ser considerado completo. Percebe-se, no entanto, que o argumento carece de informações condicionais, ou seja, de aplicabilidade das garantias. Em adendo, a garantia tampouco possui apoio para legitimá-la, inviabilizando que se sustente a afirmação de forma objetiva e categórica, ficando-se a mercê de simples hipóteses lógicas para convencimento do enunciário. Este tipo de argumento pode, dessa forma, gerar questionamentos e dúvidas quanto a sua credibilidade, haja vista que se conseguiria contestar o poder das garantias dadas de respaldar a afirmação.

Na segunda afirmação (A2), foram novamente apresentados apenas dado e garantia, caracterizando-se o argumento em completo, mas simplório por apresentar apenas os elementos básicos. A garantia apresentada se detivesse um apoio, como algum dado científico, conseguiria ter mais peso para suportar a afirmação, mas notavelmente isso não ocorre.



**Figura 2:** Argumentos apresentados em relação à 1ª afirmação (A1)

**Fonte:** elaborado pelos autores.



**Figura 3:** Argumentos apresentados em relação à 2ª afirmação (A2)

**Fonte:** elaborado pelos autores.

Posteriormente, foram trazidas novas afirmações, dados e garantias (Quadro 2), relacionados com o mesmo tema de A2, no documentário. Esses componentes de argumentos acabam por possuir maior credibilidade, tendo em vista que são precedidos pelo argumentado em A2. Esse encadeamento lógico do texto do documentário sustenta melhor os argumentos do que a estrutura desses quando analisada isoladamente. Parece que o documentário faz uso da replicação de argumentos afins como técnica de argumentação para persuasão do enunciário.

**Quadro 2.** Enunciações inter-relacionados com o argumentado em A2

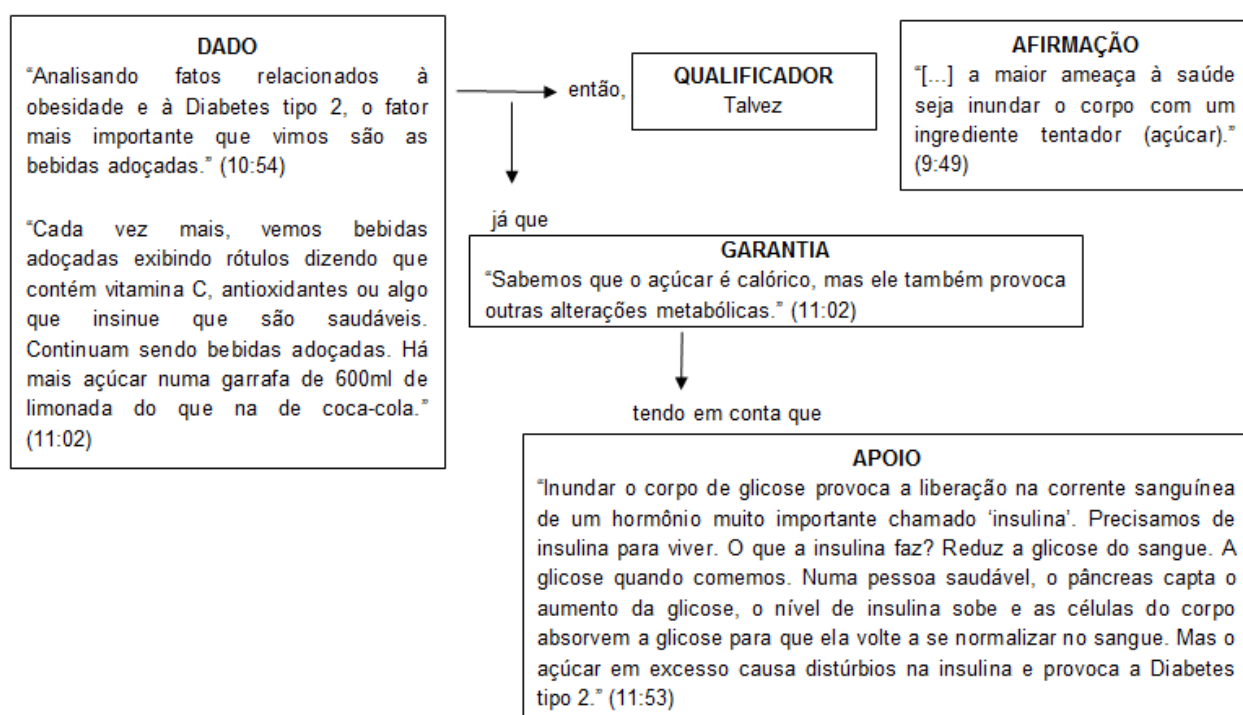
| Minuto de exibição | Enunciação  |
|--------------------|---|
| 10:08              | “Nós consumimos cerca de 1000% mais açúcar por dia do que consumíamos 200 anos atrás.”  |
| 10:18              | “O açúcar apareceu em alimentos que não adoçávamos. Agora há açúcar no pão. Há açúcar no ketchup e em vários condimentos.”  |
| 13:32              | “Diabetes tipo 2, obesidade, cardiopatia e tristeza. A alimentação moderna gera muito sofrimento.”  |
| 13:53              | “A alimentação da maioria é chamada de ‘dieta ocidental’ e inclui muita carne, farinha branca, óleos vegetais e açúcar e pouquíssimas frutas, legumes e grãos integrais. É barato, é conveniente e a maioria foi processada para ficar muito saborosa.” |

**Fonte:** elaborado pelos autores.

A terceira afirmação (A3), por sua vez, compreende em sua estrutura dado, afirmação, qualificador modal, garantia e apoio. Abandona-se em A3, então, a mera utilização de componentes básicos do argumento, concebe-se agora condições de aplicação

da garantia e se procura fortalecer a mesma com um apoio. Apresenta-se, através do apoio, uma explicação bioquímica do metabolismo da glicose, ou seja, um reforçador científico e constatável. Há complexificação do argumento e com isso menores chances de contra-argumentação por parte do enunciário.

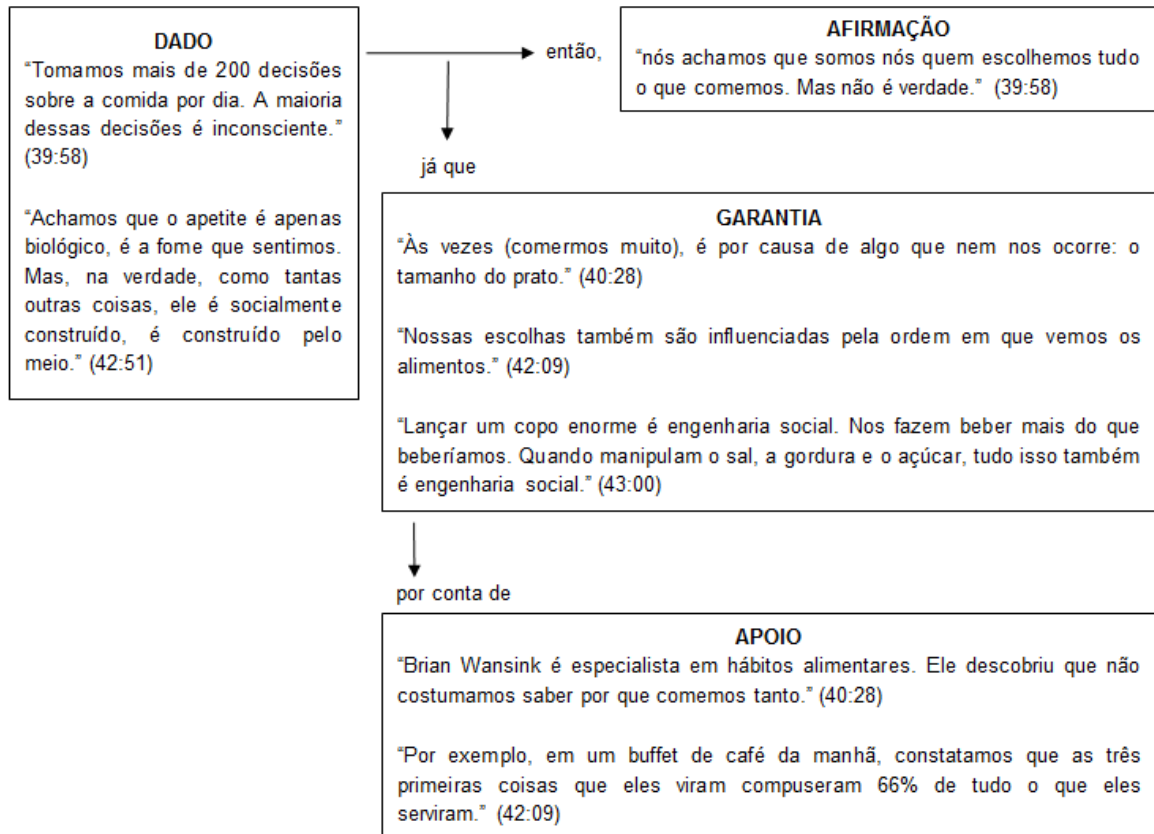
Na quarta afirmação (A4), identifica-se, assim como em A3, maior complexidade estrutural do argumento - dados, garantias e apoios -, possibilitando que a afirmação seja sustentada de forma categórica e objetiva. Constata-se, contudo, que os apoios em A4 são referentes a resultados de pesquisas científicas que validam apenas as duas primeiras garantias citadas. Assim, a garantia relativa a interferência por engenharia social não tem respaldo suficiente se comparada com as demais, podendo, pois, ser contestada com mais facilidade.



**Figura 4:** Argumentos apresentados em relação à 3ª afirmação (A3)

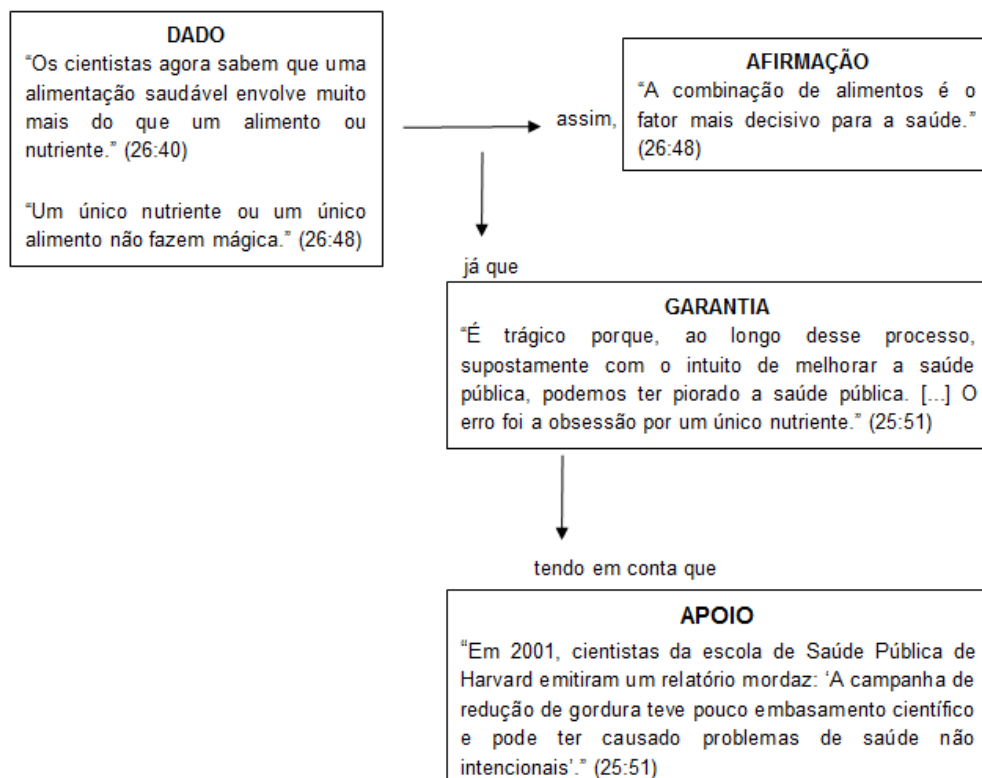
**Fonte:** elaborado pelos autores.

Na quinta afirmação (A5), identifica-se, tal qual as afirmações anteriores A3 e A4, dado, garantia e apoio. Apresenta-se, através do apoio, informações oriundas de um relatório apresentado pela Escola de Saúde Pública de Harvard capaz de validar a garantia citada. Sendo assim, menores são as chances de que haja contestação da garantia apresentada.



**Figura 5:** Argumentos apresentados em relação à 4ª afirmação (A4)

Fonte: elaborado pelos autores



**Figura 6:** Argumentos apresentados em relação à 5ª afirmação (A5)

Fonte: elaborado pelos autores

Das cinco afirmações analisadas neste artigo, três apresentaram elementos mais complexos, como qualificadores modais e apoios, além dos considerados básicos para um argumento ser considerado completo. A partir dos exemplos de A3, A4 e A5, pode-se constatar que esses argumentos, por se preocuparem mais em conferir informações capazes de sustentar a afirmação, tem menor chance de serem invalidados, questionados ou contra-argumentados.

### *Análise dos bastidores da argumentação*

Valendo-se do entendimento de que toda afirmação que alguém faz tem um propósito, que é a busca “por nossa atenção e nossa crença”<sup>13</sup> (p. 11), conhecer o contexto, a intenção e a forma de comunicar passa a ser de suma importância. Os argumentos se sustentam e se justificam não apenas por sua estrutura, mas também por conta desses bastidores que os originam e que refletem neste estudo os propósitos do documentário.

Em seguida, apresentaremos alguns dados coletados a partir da análise do documentário e que se voltam para informações relevantes ao alcance da efetividade argumentativa de conscientizar ou persuadir o enunciário para adoção da perspectiva do “comer comida de verdade”.

### **Público-alvo**

O documentário conversa com aqueles que fazem escolhas alimentares, sendo elas relacionadas à própria alimentação ou à alimentação de um grupo de pessoas (família, por exemplo). Pensando em uma composição familiar, quem possui o poder de comprar alimentos, em geral, são os adultos da casa. Assim, é natural que as enunciações se voltem mais ao alcance deste público.

Afirmações como “não coma nada que sua bisavó não reconheceria como comida”<sup>11</sup> (49:03) nos remetem a um diálogo que ocorre com um adulto. O público-alvo “adulto” é corroborado pela linguagem mais informal empregada, porém, também técnica e que exige conhecimentos mínimos sobre alimentação e funcionamento do corpo, sendo difícil que um adolescente ou criança compreendesse com facilidade o discurso. Com base na linguagem utilizada, podemos também afirmar que o público-alvo é leigo no assunto alimentação e nutrição - fato que se explicará melhor no tópico “Linguagem empregada no documentário”.

### **Intenção dos organizadores do documentário**

Em alguns momentos do documentário, pode-se constatar sutilmente a intenção de apelar para o emocional do enunciário, fazendo uso desta ferramenta como forma de persuasão preponderante no documentário. Uma dessas ocasiões é notável logo no início do vídeo quando uma criança diagnosticada com obesidade e diabetes tipo 2 relata as dificuldades causadas por tais condições, impedindo-o de fazer atividades comuns a outras crianças de mesma idade - como correr, por exemplo.

Em outra oportunidade, mostra-se brevemente a rotina de alguns idosos de um asilo em Loma Linda, na Califórnia, que levam uma alimentação vegetariana e que parecem por isso mais saudáveis e felizes. O documentário aproveita depoimentos positivos de alguns deles e mostra o número de indivíduos centenários naquele grupo de pessoas. Este instante do vídeo imprime uma imagem de muita paz, podendo levar o enunciário à associação de vegetarianismo com longevidade, embora o documentário em si não apresente dados que comprovem esta afirmação.

Além de utilizar do apelo emocional, o documentário também faz uso de um discurso mais técnico, trazendo informações lógicas, científicas e exemplificativas capazes de convencer o enunciário de que a solução para os problemas de saúde atuais é comer comida de verdade, ou seja, não industrializada.

### **Linguagem empregada no documentário**

O documentário faz uso de linguagem predominantemente acessível e informal para aproximação com o público adulto e leigo no assunto alimentação e nutrição. O discurso direto é verificável pelo diálogo entre enunciador e enunciário, pois Michael Pollan conversa o tempo todo com o ouvinte e, às vezes, abre espaço para outros falarem no vídeo. Este tipo de discurso permite que se viva com o enunciador as situações trazidas por ele, que se reflita quando ele demanda, que se perceba os gestos, exclamações, entre outros. Ou seja, dá-se ensejo a uma ilusão de verdade. Há ainda mais naturalidade e autenticidade no emprego desta forma de discurso.<sup>14</sup>

Explicações breves e claras de alguns conceitos mais científicos citados por esse ocorrem mediante exemplos concretos, assim, a linguagem por vezes técnica não vem desacompanhada de elucidações mais simplórias e extensas do que se demandaria se o documentário estivesse voltado ao público acadêmico da área da saúde. Um exemplo interessante dessa preocupação explicativa, quando do uso da linguagem técnica, é perceptível no momento em que se discorre sobre a associação entre o consumo excessivo de açúcar e o diabetes tipo 2, pois o documentário traz imagens animadas acompanhadas



de narração, relatando o que acontece com o açúcar ao ser ingerido, com a insulina quando é liberada e com o nosso organismo a partir desse processo.

### **Autoridades do discurso**

O documentário convida, em diversos momentos, especialistas para acrescentarem informações ao discurso. Destacam-se entre estas autoridades cientistas em nutrição, professores e médicos. Este tipo de discurso direto, em que há a presença física de outros autores no documentário, foi empregado por 16 (dezesesseis) vezes. Já o uso do discurso indireto, com meras citações de autoridades, foi identificado em 5 (cinco) ocasiões. A título de exemplo para o discurso direto, traz-se a frase “nós consumimos cerca de 1000% mais açúcar por dia do que consumíamos 200 anos atrás”<sup>11</sup>, enunciada por Robert Lusting, M.D - Professor of Pediatrics University of California, San Francisco.

### **Contexto de produção**

O documentário foi lançado em 2015, tendo se originado em um contexto em que a preocupação com doenças crônicas não transmissíveis (DCNT) eram crescentes. Segundo o *Global Status Report on noncommunicable diseases*<sup>15</sup>, das 38 milhões de mortes que ocorreram por DCNT no ano de 2012, 16 milhões (42%) eram evitáveis. Neste mesmo relatório, a OMS anunciou que os países deveriam definir metas nacionais e implementar medidas eficazes para prevenção de DCNT, tendo em vista que estes números poderiam ser reduzidos significativamente mediante políticas governamentais para restringir o consumo de tabaco, dietas pouco saudáveis, consumo excessivo de álcool e sedentarismo.

No Brasil, as doenças crônicas não transmissíveis representavam o maior problema de saúde, sendo responsáveis por 72% das mortes.<sup>16</sup> Além disso, era expressivo o aumento do sobrepeso e da obesidade em todas faixas etárias, acometendo 1 em cada 2 adultos e 1 em cada 3 crianças.<sup>1</sup> Neste contexto e em consonância com o recomendado pela OMS, pensou-se a segunda edição do Guia Alimentar para a População Brasileira<sup>1</sup>, o qual se aproxima bastante dos propósitos do documentário em termos de defesa da comida não industrializada.

### **Discussão**

Michael Pollan propõe-se a apresentar uma solução simples a alguns dos maiores problemas de saúde pública da atualidade - cardiopatias, diabetes e obesidade - doenças estas que dividem uma causa em comum, os maus hábitos alimentares. Pollan apresenta ao

longo de todo documentário três regras básicas para que este cenário mude, são elas: “Coma comida; nada em excesso; principalmente vegetais”<sup>11</sup>. Quando ele menciona “coma comida”, está se referindo a alimentos não industrializados.<sup>11</sup>

Na análise de documentários, é preciso se ater àquilo que é dito, à voz do documentário, como refere Nichols<sup>17</sup>. A voz do documentário pode objetivar a simples transmissão de um ponto de vista, apresentar argumentos ou defender uma causa específica. Desta forma, “um documentário procura nos persuadir ou convencer, pela força do seu argumento, ou ponto de vista, e pelo atrativo, ou poder, de sua voz”<sup>17</sup> (p. 73). *Em Defesa da Comida*<sup>11</sup> tem como intenção principal persuadir o enunciário a mudar seus hábitos alimentares por meio da aplicação de regras básicas que ele apresenta.

Lucena<sup>18</sup> define um documentário como uma produção audiovisual que registra fatos, personagens e situações que tenham como cenário o mundo real ou histórico e como protagonistas os próprios sujeitos da ação. O documentário adotará os códigos de linguagem disponíveis em seu contexto, dialogando com os debates ideológicos de sua época.<sup>19</sup>

No mesmo contexto em que o documentário surgiu, foi lançada a segunda edição do Guia Alimentar para a População Brasileira<sup>1</sup>, apresentando ideias que se aliam muito às apresentadas por Michael Pollan: recomendação de comer “comida de verdade”<sup>11</sup>, priorizando alimentos *in natura* ou minimamente processados; retomada do hábito de cozinhar; entendimento de que o conceito de alimentação abrange muito mais do que a mera ingestão de um único nutriente.<sup>11</sup>

Mundialmente, desde o final da década de 90, crescia um movimento que questionava o consumo cada vez maior de alimentos industrializados e sua associação com o aumento de doenças crônicas não transmissíveis.<sup>20,21,5</sup> Marion Nestle<sup>5</sup>, uma das pioneiras deste movimento, em seu livro *Food Politics: How the Food Industry Influences Nutrition and Health*<sup>5</sup> questiona os mecanismos de manipulação (marketing) utilizados por indústrias de alimentos e sua associação com a superalimentação e estado nutricional da população americana. A discussão sobre industrialização e alimentação não saudável se faz presente no documentário *Em defesa da comida*<sup>11</sup>, notando-se que esse contexto de produção foi relevante para adoção de uma postura favorável à promoção da saúde por meio da alimentação.

Para se promover hábitos alimentares saudáveis por meio da escrita, da fala, da produção de vídeos, de fotografias e imagens, entre outros, há que se considerar muitas circunstâncias que fazem com que uma declaração seja levada a sério<sup>13</sup> num determinado contexto, por isso, é preciso saber argumentar.

Argumentar é a busca por convencer - “vencer junto com o outro (com + vencer)”<sup>22</sup> (p. 12) - ou persuadir através de técnicas argumentativas visando remover os obstáculos que

nos impedem de chegar a um consenso sobre dado assunto.<sup>22</sup> Sendo assim, para que uma mensagem seja compreendida e aceita como uma verdade, promovendo então uma ação, é necessário argumentar de forma eficiente, ou seja, apresentar argumentos bem construídos, pouco contestáveis, ao enunciatório, observando-se a estrutura desses, como nos indica Toulmin<sup>13</sup>: afirmação (conclusão), dado, garantia, apoio, qualificadores modais e refutações.

A credibilidade de um argumento depende das informações que o compõem. Quanto mais complexo for o argumento apresentado, menores as chances de que haja contra-argumentação ou espaço para dúvidas. Ao se fazer uma simples afirmação, pode-se ser desafiado a demonstrar como se chegou àquela conclusão, para tanto, será imprescindível trazer dados, fatos concretos, quando da resposta ao enunciatório.<sup>13</sup>

No entanto, caso esse ainda não se sinta convencido, poderá questionar o que certifica que o dado apresentado permite a afirmação subsequente, exigindo assim que uma garantia seja concedida. Ainda não convencido, o enunciatório poderá indagar o enunciador sobre o que assegura que a garantia fornecida é suficiente. Neste momento, sai-se das hipóteses lógicas apenas e passa-se a conferir respostas categóricas e objetivas, as quais versam sobre estatutos, provisões legais, fatos científicos, entre outros.<sup>13</sup>

Apesar de se ter encontrado argumentos mais complexos em 60% (n=3) das afirmativas analisadas neste artigo, não se pode ignorar o pouco respaldo existente para as demais. O documentário peca por apresentar argumentos muitas vezes rasos para ideias que facilmente poderiam ser justificadas com a apresentação de resultados de pesquisas científicas por exemplo. Na tentativa de compensar o uso de argumentos muitas vezes sem respaldo suficiente, o documentário faz uso da repetição de afirmações que se assemelham em conteúdo, valendo-se desta técnica argumentativa para convencer o enunciatório por meio da constância reiterativa.<sup>23</sup> No entanto, por não cuidar de respaldar parte de suas concepções, eventualmente algumas assertivas do documentário poderiam ser contestadas por um enunciatório com mais conhecimento sobre o assunto.

Neste sentido, vê-se que além da estrutura dos argumentos é preciso ter em mente o “com que falamos”, haja vista que o nível de conhecimento prévio do enunciatório é igualmente importante para efetividade da argumentação. Deve-se, pois, estudar quem é o público-alvo - auditório - a quem se reportará o enunciador, haja vista que o discurso deve ser adaptado ao público para que seja verdadeiramente compreendido e assimilado.

No caso de um documentário, esse se volta a um auditório universal, considerando-se que não se tem controle sobre o mesmo, pois os enunciatórios podem ser pessoas de classes econômicas diferentes, faixas etárias variadas, homens e mulheres, possuindo diferentes níveis de acesso à educação formal e residindo em diferentes lugares do mundo.<sup>22</sup> Contudo, deve-se considerar que garantir que uma linguagem alcance todo o

auditório universal não é uma tarefa fácil, tendo em vista que essa deverá ser adaptada para que seja compreendida por um público muito diversificado.

*Em Defesa da Comida*<sup>11</sup> dialoga com um público em sua maioria adulto e leigo, exigindo, todavia, que esses tenham alguns conhecimentos mínimos de saúde e alimentação. Sendo assim, a linguagem utilizada torna-se pouco acessível ao público infantil e adolescente. Este diálogo com o enunciatário acontece através de um *discurso direto*, ou seja, uma voz fala diretamente com a câmera.<sup>18</sup>

Além disso, o documentário analisado em diversos momentos faz uso de um *discurso autorizado*<sup>22,23</sup>, pois Pollan convida especialistas para acrescentarem informações a sua fala, conferindo-lhe mais credibilidade e validação a seus argumentos. Este tipo de discurso muitas vezes pode acabar por ser um grande aliado de outra forma de discurso: *dominante*<sup>24</sup>.

Por meio do discurso dominante, no entanto, cria-se uma relação de subordinação do enunciatário para com o enunciador, haja vista que quem fala agora é um doutor, um médico, um professor de uma universidade de renome, uma autoridade em determinado assunto. Sendo assim, a instituição que o enunciador representa - a universidade, por exemplo - coloca-o acima de todos que o assistem e suas afirmações passam a ser assimiladas como uma verdade absoluta<sup>23</sup>. Contudo, não é o que se observa no documentário analisado, tendo em vista que Pollan coloca-se em posição de diálogo com o enunciatário, questionando-o para que o mesmo reflita e tire suas próprias conclusões com base no que foi apresentado.

O tipo de discurso que se faz mais presente no documentário é o *emotivo*<sup>24</sup>, no qual a mensagem é transmitida muito mais pelo viés da emoção - apoiando-se em recursos da expressão para sensibilizar o público-alvo<sup>10</sup> - assim, observando menos a necessidade de defesa objetiva do conteúdo abordado. Michael Pollan, em entrevista concedida à coluna Paladar<sup>25</sup>, admite enxergar em documentários a oportunidade de atingir um número maior de pessoas, quando comparado com seus livros, e, principalmente, de conquistar o público pelo apelo ao emocional.

No documentário analisado, Pollan parece assumir a posição de salvador daqueles que têm maus hábitos alimentares através de seu discurso emotivo, que apela para crença do enunciatário numa solução simples - basta comer comida de verdade e tudo ficará bem ou melhor - para um dos grandes problemas de saúde pública na atualidade: doenças crônicas não transmissíveis. Tal característica leva ao questionamento quanto ao potencial deste documentário como estratégia de educação alimentar e nutricional (EAN).

O uso de filmes em sala de aula tem se mostrado um bom recurso metodológico<sup>26</sup> e muitos são os estudos<sup>9,27,28</sup> que os têm utilizado como ferramenta de EAN, obtendo resultados satisfatórios. No estudo de Ferreira<sup>27</sup>, realizado em um colégio estadual do

Paraná, com alunos do primeiro ano do ensino médio, foram utilizadas diversas técnicas de intervenção em EAN, dentre elas tem-se a exibição de trechos de um documentário - *Super Size Me*. Após assistirem a esse, foi realizada uma discussão sobre as consequências dos hábitos alimentares, tendo os alunos se mostrado impressionados com os problemas de saúde que podem ser gerados a partir de uma dieta desregrada.<sup>27</sup>

A discussão em sala de aula foi guiada por tópicos mais importantes abordados no documentário e que foram destacados pela pesquisadora a fim de instigar a reflexão e argumentação na turma.<sup>27</sup> Portanto, não é possível prever, com base nessa experiência, se a exibição de um documentário, como técnica de EAN, atingiria bons resultados quanto à mudança de hábitos alimentares se utilizado isoladamente. Parece ser importante ainda uma discussão posterior ao vídeo assistido para consolidação das informações.

Para que um filme deixe de ser uma simples fonte de informações e torne-se objeto de interesse e conhecimento por quem o assiste, é necessário que se crie situações que estimulem e desafiem o aluno a agir - sendo este o papel do professor, no caso de uma escola.<sup>26</sup> Filmes são capazes de provocar forte interesse por meio do dinamismo da imagem em movimento e pelo seu aspecto cultural<sup>26</sup>, e tal característica pode e deve ser utilizada a favor da EAN. Mais estudos, no entanto, se mostram necessários para conhecimento de como empregar recursos audiovisuais em EAN para alcance de efetividade na mudança do comportamento alimentar.

Pode-se considerar que documentários são uma boa ferramenta de EAN quando selecionados e utilizados de forma planejada. Deve-se, pois, analisar a qualidade do documentário a ser exibido em relação aos argumentos apresentados, tendo em vista que devem buscar conscientizar o enunciário e não simplesmente persuadi-lo. Aquele que assiste ao vídeo não deve apenas seguir as ideias apresentadas pelo documentário sem entender a lógica por trás das mesmas, pois a conscientização é relevante para autonomia nas escolhas.

O Guia Alimentar para População Brasileira esclarece que “[...] instrumentos e estratégias de educação alimentar e nutricional devem apoiar pessoas, famílias e comunidades para que adotem práticas alimentares promotoras da saúde e **para que compreendam os fatores determinantes dessas práticas**, contribuindo para o fortalecimento dos sujeitos na busca de habilidades para tomar decisões e transformar a realidade, assim como para exigir o cumprimento do direito humano à alimentação adequada e saudável”<sup>1</sup> (p. 22) (grifo nosso).

É notável que a compreensão deve ser buscada quando se efetua qualquer prática de EAN; a ação inconsciente em que há pouca decisão de fato não viabiliza a autonomia, pois permite apenas a replicação de comportamentos. Assim, a seleção de um documentário não pode ser despropositada e tampouco as atividades que se seguem após o vídeo assistido.

O Guia<sup>1</sup> ainda expressa que há uma demanda por “acesso a informações confiáveis”<sup>1</sup> (p. 21), devendo o profissional que conduz uma estratégia de EAN zelar pelo conteúdo que traz à população a fim de promover a reflexão e as melhores ações. Calvo Hernando<sup>29</sup> tece importantes considerações sobre a democratização de informações científicas, indicando que a divulgação científica deve ter como um dos seus objetivos oportunizar o acesso ao mundo científico aos leigos, mediante entendimento e assimilação do conhecimento científico. Há, assim, possibilidade de utilizar documentários para divulgação de informação científica, propiciando conhecimento de dados confiáveis sobre alimentação e nutrição.

Em suma, o emprego de recursos audiovisuais, como o documentário, para EAN merece atenção. Deve-se observar o conteúdo abordado - se traz informações de cunho científico -, como são construídos os argumentos - se há ou não apresentação de garantias e apoios -, se a linguagem é acessível para o público que se irá exhibir o vídeo. É mister ainda ter claros os objetivos da seleção de determinado documentário, devendo a análise do contexto de produção do vídeo e de sua aplicabilidade à realidade atual ser considerada.

## **Conclusão**

O documentário *Em Defesa da Comida*<sup>11</sup>, analisado neste estudo, parece se preocupar mais em tocar as emoções de seu público-alvo do que em necessariamente fundamentar melhor os argumentos apresentados. Talvez isso ocorra por subestimar ou superestimar os conhecimentos dos enunciatários, presumindo que não seria preciso se aprofundar muito, porque o público-alvo não entenderia informações científicas ou já saberia o suficiente sobre o assunto.

Contudo, de maneira geral, o documentário levanta uma discussão importante, considerando-se o contexto atual de saúde, que é o “comer comida de verdade”, o que também é defendido pelo Guia<sup>1</sup>. Seu discurso direto instiga o enunciatário a refletir juntamente com o enunciador sobre a questão da alimentação saudável, motivo pelo qual, se utilizado para EAN, atrelado a discussões em grupos, seria um recurso oportuno para conscientização sobre hábitos saudáveis e mesmo para questionamento dos dados que fornece.

Este documentário tem como objetivo persuadir o enunciatário para mudança de hábitos alimentares por meio da aplicação das regras básicas indicadas. Tendo em vista a qualidade dos argumentos apresentados e o uso de outros mecanismos tais quais a repetição, discurso emotivo e discurso autorizado, faz-se capaz de cumprir o objetivo proposto. No entanto, o enunciatário poderá acabar por seguir as ideias apresentadas sem entender a lógica por trás das mesmas.

Para que argumentos em prol do saudável, constantes num documentário, sejam capazes de convencer e mobilizar o sujeito para ação, faz-se necessário que se apresente argumentos mais complexos, como reporta Toulmin<sup>13</sup>, evitando assim que esses sejam refutados ou ensejem dúvidas e questionamentos. Além disso, deve-se considerar o público-alvo, o conteúdo e comprovações científicas, o contexto de produção do material audiovisual, se ainda se adequa às discussões contemporâneas, e a linguagem empregada de forma que se consiga selecionar um documentário de qualidade para práticas de EAN.

## Referências

1. Brasil. Ministério da Saúde. Guia alimentar para a população brasileira. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2014.
2. Louzada ML, Martins AP, Canella DS, Baraldi LG, Levy RB, Claro RM, et al. Impact of ultra-processed foods on micronutrient content in the Brazilian diet. *Rev de Saúde Pública* [Internet]. 2015 [citado 2019 junho 01]; 49: 1-8. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102015000100238&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102015000100238&lng=en).
3. Monteiro CA, Mondini L, Costa RB. Mudanças na composição e adequação nutricional da dieta familiar nas áreas metropolitanas do Brasil (1988-1996). *Rev de Saúde Pública* [Internet]. 2000 [citado 2019 junho 01]; 34(3): 251-8. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89102000000300007&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102000000300007&lng=en).
4. Kraemer FB, Prado SD, Ferreira FR, Carvalho MCVS. O discurso sobre alimentação saudável como estratégia de biopoder. *Physis: Rev de Saúde Coletiva*. [Internet]. 2014 [citado 2019 junho 10]; 24(4): 1337-60. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73312014000401337&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312014000401337&lng=en).
5. Nestle M. *Food politics: How the food industry influences nutrition and health*. California: University of California Press; 2013.
6. Valla V, Stotz E. *Participação popular, educação e saúde: teoria e prática*. 2. ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; 1993.

7. Schall VT, Struchiner M. Educação no contexto da epidemia de HIV/AIDS: teorias e tendências pedagógicas. In: Czeresnia D, Santos EM, Barbosa RHS, Monteiro S. AIDS: pesquisa social e educação. São Paulo: HUCITEC; 1995. p.84-105.
8. Boog MCF, Vieira CM, Oliveira NL, Fonseca O, L'Abbate S. Utilização de vídeo como estratégia de educação nutricional para adolescentes: comer... o fruto ou o produto? Rev de Nutrição. [internet]. 2003 [citado 2019 junho 10]; 16(3): 281-93. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/34476>
9. Vargas IC, Sichieri R, Sandre-Pereira G, Veiga GV. Avaliação de programa de prevenção de obesidade em adolescentes de escolas públicas. Rev de Saúde Pública. [internet]. 2011 [citado em 2019 junho 08]; 45(1): 59-68. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/rsp/2011.v45n1/59-68>
10. Dittrich IJ. Por uma retórica do discurso: argumentação técnica, emotiva e representacional. Alfa: Rev de Linguística. [internet]. 2008 [citado em 2019 junho 08]; 52(1): 21-37. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1465/1170>
11. Em Defesa da comida [documentário]. Direção: Michael Schwarz. Califórnia (EUA): Kikim Media; 2015.
12. Sorteador Geekster [Internet]. [citado em 2019 maio 31]. Disponível em: <https://sorteador.com.br/>.
13. Toulmin SE. The uses of argument. New York: Cambridge University Press; 2003.
14. Oliveira ATP. Minimanual compacto de redação e interpretação de texto: teoria e prática. 1. ed. São Paulo: Rideel; 2003.
15. Organização Mundial de Saúde. Global status report on noncommunicable diseases 2014. WHO Library [internet]; 2014 [citado em 2019 maio 31]. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/148114/9789241564854\\_eng.pdf;jsessionid=8E16231DA053DCE3D1478FD4331904C6?sequence=1](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/148114/9789241564854_eng.pdf;jsessionid=8E16231DA053DCE3D1478FD4331904C6?sequence=1).
16. Malta DC, Moura LD, Prado RR, Escalante JC, Schmidt MI, Duncan BB. Mortalidade por doenças crônicas não transmissíveis no Brasil e suas regiões, 2000 a 2011.



- Epidemiologia e Serviços de Saúde [internet]. 2014 [citado em junho 10]; 23: 599-608. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/ress/2014.v23n4/599-608>
17. Nichols B. Introdução ao documentário. Campinas: Papirus; 2005.
18. Lucena LC. Como fazer documentários: conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus Editorial; 2012.
19. Feitosa AF. O Documentário enquanto fonte histórica: possibilidades e problemáticas In XXVII Simpósio Nacional de História. 2013 22-26 jul; Natal, Brasil. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371307904\\_ARQUIVO\\_ARTIGOANP UHDocumentariocomofontehistorica2013.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371307904_ARQUIVO_ARTIGOANP UHDocumentariocomofontehistorica2013.pdf)
20. Bittman M. Eating food that's better for you, organic or not. New York Times [internet]. 2009 [citado em 2019 junho 14]; Disponível em: [http://people.umass.edu/dcooley/FYS\\_articles/Organic%20or%20Not%20Bittman.pdf](http://people.umass.edu/dcooley/FYS_articles/Organic%20or%20Not%20Bittman.pdf)
21. Spurlock M. Don't eat this book: fast food and the supersizing of America. Londres: Penguin; 2006.
22. Abreu AS. A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. Ed.13. Cotia: Ateliê Editorial; 2008.
23. Citelli A. Linguagem e Persuasão. São Paulo: Editora Ática; 2002.
24. Garcia A. Tipos de discurso. Soletras [internet]. 2003 [citado em 2019 junho 09]; 3(5-6): 186-90. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/viewFile/4469/3271>
25. Pollan M. Paladar [entrevista a Patrícia Ferraz e José Orenstein]. Estadão [internet]. 17 fev. 2016. [citado em 2019 junho 10]; Disponível em: <https://paladar.estadao.com.br/noticias/comida,com-documentarios-atinjo-mais-gente-afirma-michael-pollan,10000016953>
26. Vieira FZ, Rosso AJ. O cinema como componente didático da educação ambiental. Revista Diálogo Educacional [internet]. 2011 [citado em 2019 junho 11]; 11(33): 547-72. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/4432>

27. Ferreira MS. Diagnóstico do perfil nutricional de alunos do ensino médio. Lapa. Monografia [Especialização em Saúde para Professores do Ensino Médio e Fundamental] - Universidade Federal do Paraná; 2013.
28. Souza LR. Educação nutricional e a rotina alimentar dos alunos do 6º anos de uma instituição de ensino da rede pública do interior do Paraná. Foz do Iguaçu. Monografia [Especialização em Saúde para Professores do Ensino Médio e Fundamental] - Universidade Federal do Paraná; 2013.
29. Carlos Hernando M. Civilización tecnológica e información - El periodismo científico: misiones y objetivos. Barcelona: Mitre; 1982.

## 6 NORMAS DA REVISTA DE INTERESSE DE SUBMISSÃO

### RECCIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde

#### Artigos originais

São contribuições destinadas a divulgar resultados de pesquisa original, com os seguintes elementos: objeto, objetivo, problema, fundamentação teórico-metodológica e resultados claramente descritos. Entre 40 e 60 mil caracteres com espaços.

#### 6.1 Preparação do Manuscrito

O artigo poderá ser elaborado e enviado nos seguintes formatos:

- Write do Libre Office ou Word do MS Office .doc, .docx, .rtf e .odt.
- **Não recebemos artigos em formatos fechados para edição como .pdf e .xps.**

#### 6.2 Formatação

- Página A4 com margens de 2 cm de cada lado.
- Fonte Arial, tamanho 11.
- Espaçamento 1,5 entre linhas em todo o artigo, incluindo resumos e referências.
- As tabelas em espaçamento simples, tamanho 10.

#### 6.3 Identificação

##### Título

- Deve ser conciso, informativo e sem abreviações.
- Deve ser apresentado em português, inglês e espanhol.
- Não use caixa alta no título.

##### Autor

A ordem de autoria deve ser igual no sistema de submissão.

- Nome
- E-mail
- Link do currículo Lattes
- ORCID
- Titulação (por exemplo, Doutorado em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia)
- Scholar Google
- ResearchGate
- *Link* do repositório institucional
- *Link* do *site* ou blog do grupo de pesquisa
- *Link* do site do autor se houver

#### **6.4 Afiliação institucional**

- Os nomes das instituições devem ser apresentados por extenso e na língua original da instituição, seguidos da informação de cidade, estado e país.
- Não colocar titulações e funções junto às afiliações.
- A identificação das afiliações deve vir agrupada, logo abaixo dos nomes dos autores, em linhas distintas.
- Em caso de duplo vínculo institucional do autor, colocar somente o vínculo em que a pesquisa foi desenvolvida.
- Em casos de cooperação, podem ser incluídas as duas instituições. Ressalta-se que a primeira deverá ser a de maior vínculo.

#### **6.5 Resumo**

- Deve conter até 150 palavras.
- Os resumos devem estar nos idiomas português, inglês e espanhol.

#### **6.6 Palavras-chave**

- Utilize de cinco (5) a dez (10) palavras-chave que representem o conteúdo do artigo e facilitem a recuperação da informação.

- As palavras-chave devem ser apresentadas em português, inglês e espanhol, logo abaixo do resumo de cada idioma e devem ser separadas por ponto e vírgula.
- Solicitamos utilizar os descritores de vocabulários controlados – como Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Thesouro da Ciência da Informação – ou especificar o vocabulário utilizado.
- A consulta ao DeCS pode ser feita em: <http://decs.bvs.br/> > Consulta ao DeCS > consulta por índice > Índice permutado > digite palavra chave ou raiz > mostrar ou hierárquico.
- As palavras-chave indicadas pelo autor serão analisadas pela bibliotecária da revista.

### **6.7 Informações do artigo**

- Declaração de contribuição autoral, conforme explicitado em Política de autoria.
- Declaração de conflitos de interesse.
- Fontes de financiamento à pesquisa.
- Considerações éticas.
- Agradecimentos e contribuições adicionais.
- Apresentação anterior.

### **6.8 Estrutura do artigo**

- Sinalize numericamente a hierarquia dos subtítulos nas seções do artigo.
- Utilize negrito nos títulos e subtítulos.
- Utilize maiúsculas apenas na primeira letra de títulos e subtítulos e em nomes próprios.

### **6.9 Citações**

- Não utilize o recurso de numeração automática para as referências.
- Não empregue recursos de gerenciador de referências para normalização.

- Todas as referências devem estar citadas no texto de forma consecutiva e identificadas por números arábicos e sobrescritos. Exemplo<sup>1</sup>
- Não deve haver espaço entre a citação da referência sobrescrita e a palavra anterior.
- Citação de referências sequenciais deve ser separada por traço e não por vírgula, sem espaço entre elas. Exemplo<sup>3-6</sup>
- Citações de referências intercaladas devem ser separadas por vírgulas, sem espaço entre elas. Exemplo<sup>7,9</sup>
- A indicação numérica deve anteceder o sinal de pontuação, seja ele ponto final, ponto parágrafo ou vírgula.
- Citação direta deve estar entre aspas, sem itálico, tamanho 10, na sequência do texto, independente do número de linhas.

#### **6.10 Entrevista/fala de sujeitos/depoimento**

- Deve estar em itálico, tamanho 10, indentada 4 cm.
- A identificação da fala deve ser codificada, apresentada ao final de cada frase entre parênteses sem itálico.

#### **6.11 Siglas**

- As siglas devem ser descritas por extenso na primeira vez em que aparecem no texto.
- Nas tabelas e figuras, devem ser usadas o mínimo necessário, descritas por extenso em notas de rodapé utilizando número romano minúsculo.

#### **6.12 Notas de rodapé**

- Devem contar em número mínimo indispensável.
- Devem ser indicadas no texto por números romanos minúsculos. Exemplo<sup>i</sup>

#### **6.13 Tabelas e quadros**

- Devem ser elaborados com a ferramenta apropriada para construção de tabelas ou quadros no programa Word, OpenOffice ou Writer.
- Não podem ser enviados como imagens.
- Devem ter título informativo e claro, indicando o que pretendem representar.

- Devem estar inseridos no texto assim que citados, e não no final do artigo.
- O título deve ser apresentado acima do quadro ou da tabela.
- As tabelas devem estar abertas nas laterais esquerda e direita.
- Não devem conter linhas internas.
- Devem conter indicação de fonte. Caso sejam elaborados pelos autores, indicar.

#### **6.14 Figuras**

- São considerados figuras: gráficos, desenhos, fluxogramas, esquemas, diagramas.
- Devem estar legíveis, com resolução de 100 dpi, no mínimo.
- Devem possuir título abaixo das mesmas.
- Devem estar inseridas no texto assim que citadas, e não no final do artigo.
- Devem obrigatoriamente também ser enviadas como arquivos suplementares.
- Devem conter indicação de fonte. Caso sejam elaborados pelos autores, indique.

#### **6.15 Fotos**

- Devem estar legíveis e nítidas, com resolução, no mínimo, de 100 dpi, preto e branco ou colorida.
- Devem estar inseridas no texto assim que citadas, e não no final do artigo.
- Devem obrigatoriamente também ser enviadas como arquivos suplementares.
- Devem possuir título abaixo das mesmas.
- Devem ser identificadas como figuras.
- Fotos com pessoas identificáveis devem ter autorização do uso de imagem.
- A autoria da foto deve ser indicada.

#### **6.16 Referências**

- A Reciiis adota o estilo Vancouver para referências. A norma na íntegra pode ser consultada em [http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform\\_requirements.html](http://www.nlm.nih.gov/bsd/uniform_requirements.html).
- Todas as referências devem estar citadas no texto. Sempre que disponível, deve-se informar o DOI dos trabalhos consultados.

## 7 CONCLUSÃO

O documentário *Em Defesa da Comida*, analisado neste estudo, parece se preocupar mais em tocar as emoções de seu público-alvo do que em necessariamente fundamentar melhor os argumentos apresentados. Talvez isso ocorra por subestimar ou superestimar os conhecimentos dos enunciatários, presumindo que não seria preciso se aprofundar muito, porque o público-alvo não entenderia informações científicas ou já saberia o suficiente sobre o assunto.

Contudo, de maneira geral, o documentário levanta uma discussão importante, considerando-se o contexto atual de saúde, que é o “comer comida de verdade”, o que também é defendido pelo Guia<sup>1</sup>. Seu discurso direto instiga o enunciatário a refletir juntamente com o enunciador sobre a questão da alimentação saudável, motivo pelo qual, se utilizado para EAN, atrelado a discussões em grupos, seria um recurso oportuno para conscientização sobre hábitos saudáveis e mesmo para questionamento dos dados que fornece.

Este documentário tem como objetivo persuadir o enunciatário para mudança de hábitos alimentares por meio da aplicação das regras básicas indicadas. Tendo em vista a qualidade dos argumentos apresentados e o uso de outros mecanismos tais quais a repetição, discurso emotivo e discurso autorizado, faz-se capaz de cumprir o objetivo proposto. No entanto, o enunciatário poderá acabar por seguir as ideias apresentadas sem entender a lógica por trás das mesmas.

Para que argumentos em prol do saudável, constantes num documentário, sejam capazes de convencer e mobilizar o sujeito para ação, faz-se necessário que se apresente argumentos mais complexos, como reporta Toulmin<sup>13</sup>, evitando assim que esses sejam refutados ou ensejem dúvidas e questionamentos. Além disso, deve-se considerar o público-alvo, o conteúdo e comprovações científicas, o contexto de produção do material audiovisual, se ainda se adequa às discussões contemporâneas, e a linguagem empregada de forma que se consiga selecionar um documentário de qualidade para práticas de EAN.



## 8 REFERÊNCIAS

ABREU, Antônio Suárez. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 8. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.

BOOG, Maria Cristina Faber *et al.* Utilização de vídeo como estratégia de educação nutricional para adolescentes: comer... o fruto ou o produto? *Revista de Nutrição*, v. 16, n.3, p. 281-293, 2003.

BRASIL. *Guia alimentar para a população brasileira*. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

DITTRICH, Ivo José. Por uma retórica do discurso: argumentação técnica, emotiva e representacional. *ALFA: Revista de Linguística*, v. 52, n. 1, 2008.

EM DEFESA da Comida. Direção: Michael Schwarz. Produção: Michael Schwarz; Edward Gray. Narração: Michael Pollan. Roteiro: Michael Schwarz. Califórnia: Kikim Media, 2015. 1 documentário (53 min). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=3rWfbBlm\\_Vk&t=1220s](https://www.youtube.com/watch?v=3rWfbBlm_Vk&t=1220s)>. Acesso em: 02 de maio 2019.

KRAEMER, Fabiana Bom *et al.* O discurso sobre a alimentação saudável como estratégia de biopoder. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 24, n. 4, p. 1337-1360, 2014.

LOUZADA, Maria Laura da Costa *et al.* Impact of ultra-processed foods on micronutrient content in the Brazilian diet. *Revista de Saúde Pública*, v. 49, p. 1-8, 2015.

LUCENA, Luiz Carlos. *Com fazer documentários: conceito, linguagem e prática da produção*. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

MALTA, Deborah Carvalho *et al.* Mortalidade por doenças crônicas não transmissíveis no Brasil e suas regiões, 2000 a 2011. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 23, n.14, p. 599-608.

MONTEIRO, Carlos Augusto; MONDINI, Lenise; COSTA, Renata BL. Mudanças na composição e adequação nutricional da dieta familiar nas áreas metropolitanas do Brasil (1988-1996). *Revista de Saúde Pública*, v. 34, p. 251-258, 2000.

NESTLE, Marion. *Food politics: How the food industry influences nutrition and health*. Ed. 13. California: University of California Press, 2013.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. São Paulo: Papyrus, 2005.

SCHALL, Virgínia T.; STRUCHINER, Miriam. Educação no contexto da epidemia de HIV/AIDS: teorias e tendências pedagógicas. In: CZERESNIA, Dina *et al.* *AIDS: pesquisa social e educação*. São Paulo: HUCITEC; 1995. p.84-105.

GEEKSTER. Sorteador. Disponível em: <<https://sorteador.com.br/>>. Acesso em: 31 de maio 2019.

STOTZ, Eduardo Navarro. *Enfoques sobre educação e saúde. Participação popular, educação e saúde: teoria e prática*, v. 1, 1993.

TOULMIN, Stephen Edelston. *The uses of argument*. New York: Cambridge University Press, 2003.

VARGAS, Izabel Cristina da Silva *et al.* Avaliação de programa de prevenção de obesidade em adolescentes de escolas públicas. *Revista de Saúde Pública*, v. 45, n.1, p. 59-68, 2011.

VIEIRA, Fernando Zan; Rosso, Ademir José. O cinema como componente didático da educação ambiental. *Revista Diálogo Educacional*, v.11, n.33, 547-572, 2011.

Organização Mundial de Saúde (OMS). *Global status report on noncommunicable diseases 2014*. Who Library, 2014.